



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9697 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT08 - Formação de Professores

FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES: REFLEXÕES A PARTIR DE CARTAS PEDAGÓGICAS EM UM ATELIÊ AUTOBIOGRÁFICO

Elcimar Simão Martins - UNILAB - UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO

INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Elisangela André da Silva Costa - UNILAB - UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO

INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Maria Socorro Lucena Lima - UECE - Universidade Estadual do Ceará

FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES: REFLEXÕES A PARTIR DE CARTAS PEDAGÓGICAS EM UM ATELIÊ AUTOBIOGRÁFICO

Resumo

O texto objetiva refletir sobre a formação contínua de professores a partir da experiência da escrita de cartas pedagógicas em um ateliê autobiográfico. Pautado em uma abordagem narrativa no âmbito da pesquisa qualitativa, o estudo resulta de um projeto de pesquisa guarda-chuva, desenvolvido em um programa de pós-graduação stricto sensu. Para tanto, utilizou-se de análise documental, tomando como objeto de apreciação crítica cartas pedagógicas produzidas por mestrandos durante um componente curricular que assumiu uma perspectiva de ateliê autobiográfico de formação. O trabalho revelou que a escrita de si favorece a expressão criativa e a reflexão das trajetórias de vida, formação e trabalho impulsiona uma contínua (trans) formação nos sujeitos, oportunizando interligar passado, presente e futuro, com vistas à construção de um projeto de vida, pessoal e coletivo.

Palavras-chave: Formação Docente. Narrativas Autobiográficas. Reflexão.

Introdução

A formação de professores é marcada pelo contexto socio-histórico, político, econômico e cultural em que se desenvolve. A conjuntura de incertezas em que nos encontramos nos insta a uma visão mais ampla dos processos formativos, rompendo com uma abordagem conservadora, em busca de uma visão crítica, reflexiva e transformadora da educação, que dialogue com os anseios formativos advindos das histórias de vida de professores em formação.

A investigação objetivou refletir sobre a formação contínua de professores a partir da

experiência da escrita de cartas pedagógicas em um ateliê autobiográfico. Para tanto, articulou ensino e pesquisa no âmbito de um programa de pós-graduação stricto sensu, envolvendo quinze mestrandos que atuam como professores na Educação Básica e registraram suas narrativas de histórias de vida a partir da escrita de cartas pedagógicas.

O trabalho, portanto, dá centralidade aos escritos dos sujeitos, entendendo-os como construtores e pesquisadores – em formação – de suas histórias, refletindo sobre vida, formação e trabalho, levando-os a um processo de autoformação contínua.

Histórias de vida em formação: cartas pedagógicas em um ateliê autobiográfico

A formação contínua não pode ser reduzida a treinamentos ou capacitações. De modo contrário, deve partir das necessidades formativas dos docentes, valorizando a pesquisa e a prática, a interação entre universidade e escolas, refletindo sobre as possibilidades de transformação da realidade (PIMENTA, 2012).

Assumimos que o exercício da escrita das cartas é a materialização de um projeto de dizer e de dizer-se (GASTAUD, 2009), por meio do qual aquele que redige busca comunicar algo a alguém, mobilizando intenções, articulando sentimentos, anseios, impressões, indagações, entre outras tantas questões que indicam sua presença no mundo e com o mundo.

Na construção coletiva do ateliê autobiográfico, os quinze mestrandos participantes da pesquisa trocaram seis cartas. “Trocar cartas, corresponder-se ou escrever para alguém são formas de se expor, compartilhar experiências, vencer distâncias e ausências, tecer sensibilidades, enfim, construir laços de papel” (CUNHA, 2013, p. 116).

Assim, buscando compreender as trajetórias dos sujeitos em sua inteireza, trazemos excertos das seis cartas produzidas pelos mestrandos durante o ateliê, desvelando memórias sobre suas vidas em interação com a família, a escola, a formação inicial, a trajetória profissional, a formação contínua e as perspectivas futuras.

Os participantes preencheram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, em conformidade com a Resolução 510/2016, o dever ético do pesquisador em garantir a confidencialidade das informações prestadas, respeitando a liberdade de expressão dos sujeitos da pesquisa (BRASIL, 2016), utilizamos a seguinte codificação: P1... P15 para nomear os professores/mestrandos que colaboram com esta investigação.

Nesse movimento de refletir sobre sua vida em formação, os sujeitos foram convidados a iniciar sua narrativa biográfica, lembrando sobre a sua família, focando “nas aprendizagens, no conhecimento de si e do outro e na transformação individual de quem se forma” (PASSEGGI, 2020, p. 65). Assim, temos trazemos excertos das cartas:

Minha cara, nessa carta tentei traçar a minha trajetória de vida e da importância da minha família e dos contributos desta para a minha formação individual e profissional. O professor traz consigo suas vivências familiares, sua formação inicial e suas experiências profissionais que são agregadas ao desenvolvimento da profissionalização. (P1)

Ademais, creio que a família é o alicerce para a formação do sujeito, pois, além de ser nela que se estabelece a primeira interação, geralmente é na família que alguns valores como respeito, amor ao ser humano e ao meio ambiente, ética, honestidade, responsabilidade, empatia e coragem são apresentados. (P7)

Os trechos revelam a importância da família na formação dos sujeitos, em especial, na criação de “um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar” (BOURDIEU, 2007, p. 41-42). A segunda carta abordou sobre a escola, conforme segue:

É tanta coisa, que renderia um bom livro sobre as experiências da educação básica. Minha amiga, para finalizar essa carta, gostaria de te dizer que uma das minhas maiores alegrias é hoje ter meus professores do ensino fundamental como colegas de profissão. (P3)

Através dessa minha nova carta quero que sinta a mesma sensação que eu senti quando li tua carta, mas agora relatando para você sobre os meus tempos de escola, tempos esses que só me trazem boas recordações [...]. Acho que você deve sentir o mesmo quando a gente tenta conectar a nossa experiência no ensino básico com o que fazemos hoje durante a nossa carreira. (P5)

Tenho contato ainda hoje com grande parte dos meus professores. Eles se orgulharam muito com a minha aprovação no mestrado, inclusive agora em agosto eu fui uma das convidadas da semana pedagógica do município. Encerro agora esta carta que definitivamente aqueceu meu coração neste dia. (P15)

Os excertos revelam boas lembranças da escola e de como os mestrandos se sentem positivamente afetados por ocuparem aquele espaço como professores. Larrosa (2019) afirma que a experiência é aquilo nos acontece e não simplesmente o que acontece. Portanto, é algo que nos atravessa, que nos revela individual e coletivamente de acordo com a nossa própria existência. Ao refletir na terceira carta sobre a formação inicial, assim falaram os participantes:

Fui sendo lapidado e adquirindo o senso crítico-reflexivo, e de uma alegria tamanha que em menos de três meses do início de minhas aulas já tinha sido selecionado e engajado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), já motivado com a profissão docente, essa possibilidade de bolsa me ajudou a me manter no Ensino Superior. (P4)

No panorama apresentado, veja que fiz o processo inverso, iniciei como professora e só depois tive a oportunidade de participar da primeira formação. Nesse processo é possível afirmar que as disciplinas estudadas, bem como os assuntos abordados no biênio fizeram-me ter uma visão holística do mundo, reconhecer novas possibilidades e inovar metodologicamente para melhorar o meu fazer em sala de aula. (P13)

P4 assim que ingressou na licenciatura teve uma experiência de iniciação à docência. Por outro lado, P13 só teve acesso à formação inicial depois do exercício profissional. Para Freire (2003, p. 28) “Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática”. Sobre a formação contínua assim falaram os participantes na quarta carta:

No entanto, sempre tomei a iniciativa de buscar formações por conta própria, por acreditar que nossa formação é e deve ser contínua e que temos a necessidade de aprender sempre, para refletirmos nosso fazer pautado na dialogicidade, renovando nossas práticas no ser e fazer docência, com isso ampliando nossos conhecimentos. (P2)

Eu sempre gostei muito de estudar e ler, algo que fazia com que eu sempre buscase novos conhecimentos e aprendizagens constantemente. Portanto, por diversas vezes, busquei participar de cursos que favorecessem minhas práticas pedagógicas [...]. Essas formações contínuas foram a base teórica que me acompanhou durante bastante tempo. Sempre pensei em uma lógica que vários colegas ainda hoje me criticam: de que o professor deve buscar a sua qualificação. (P6)

Confesso também que sempre fui de buscar, independente se os municípios ofereciam ou não, pois sempre entendi que essa formação – continuada – ninguém melhor que o próprio professor para saber as dificuldades da sala e ir buscar... tanto que no momento que estive a frente de secretaria de educação, antes de montar um plano de formação coletava das escolas os anseios dos professores [...] para possibilitar que o professor participasse daquelas que melhor contemplasse seus anseios. (P9)

Os mestrandos dialogam com a proposta de Behrens (2007) ao defender que a formação contínua precisa ser para e com os professores, sendo fundamental ouvir suas

reais necessidades e possibilitar momentos de discussão e reflexão que gerem transformações e favoreçam desenvolvimento pessoal, social e profissional. A quinta carta reflete sobre a trajetória profissional dos participantes:

Nobre colega, hoje eu gostaria de dividir com você um pouco da minha trajetória profissional. Digo-lhe que inicio no Magistério muito nova, tinha apenas 16 anos. Neste período cursava ainda o Ensino Médio e em um determinado dia, uma colega que era professora em minha localidade separou-se do esposo e teve que ir embora da cidade bruscamente. Recordo que ela chegou na minha casa já com todo o material pedindo para eu ir dar aula no lugar dela no dia seguinte. (P8)

Hoje quero compartilhar minha trajetória profissional, há 26 anos sou professora da rede Estadual de Ensino do Estado, professora da Educação Básica, na época ainda sem o curso de graduação, só com o pedagógico, formação recebida nas famosas Escolas Normal. (P11)

Os excertos revelam professoras experientes e que começaram o exercício profissional sem a adequada formação, mas mobilizaram diversos saberes e conhecimentos, entrelaçando vida, trabalho e formação, compreendendo que “O processo de aprendizagem deve ser uma conquista individual e coletiva [...]” (BEHRENS, 2007, p. 450). A última carta abordou as perspectivas futuras:

Certamente, hoje, tenho a convicção de que darei continuidade aos meus estudos, quem sabe um doutorado e até mesmo um pós-doutorado. Espero também que meus contributos sirvam de estímulos aos meus colegas que, como eu, veem na profissão de docente uma oportunidade de partilhar saberes e de contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária. (P10)

Dentre as perspectivas futuras após o mestrado penso, é claro, no doutorado. Não me imagino mais sem pesquisa, sem estudo, sem produções, muitas vezes cansativa essa vida, no entanto, não me vejo fora dela. Como o pensamento e as palavras tem poder, isso mentalizo e falo todos os dias, como se já tivesse acontecido. Pode ser muita audácia, pois quero ir além. (P12)

Os mestrandos revelam o desejo de continuar o processo formativo, uma experiência de projetar o futuro “como espaço de mudança aberto ao projeto de si” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 359). Por fim, ao refletir sobre a experiência, P14 revela que “O ateliê autobiográfico tem sido um trabalho significativo, que vem fazendo-nos trocar figurinhas sobre o nosso caminhar, no aspecto pessoal, profissional e formativo, além disso, tem-nos levado a refletir sobre o nosso papel enquanto profissionais da educação”.

A troca de cartas oportunizou aos mestrandos remexer em seu baú de memórias e partilhar experiências sobre vida, formação e trabalho. Os processos reflexivos durante o ateliê autobiográfico foram marcados por uma perspectiva de centralidade nos participantes e nas suas narrativas escritas, oportunizando espaço para se autoformarem em um coletivo de pares, contribuindo para o desenvolvimento de projetos de vida.

Considerações Finais

A experiência epistolar do ateliê autobiográfico favoreceu espaços-tempos formativos por meio das histórias de vida partilhadas em um coletivo de mestrandos/professores da Educação Básica, possibilitando revisitar e analisar suas trajetórias de vida e formação, escolhas e caminhos percorridos para atingir os seus objetivos e os sonhos para o futuro.

As trocas de correspondências escritas oportunizaram uma interligação entre passado, presente e futuro, com vistas à construção de um projeto de vida, que é pessoal, mas que também, muitas vezes, assume uma característica coletiva, pois carrega sonhos dos sujeitos, de sua família e de seus pares.

Compreendemos, portanto que o processo formativo se desenvolve a partir de uma reflexão permanente e crítica das práticas desenvolvidas, o que favorece compreender a formação como continuum e a própria vida como mediadora desse processo.

Referências

BEHRENS, Marilda Aparecida. O paradigma da complexidade na formação e no desenvolvimento profissional de professores universitários. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 439-455, set./dez. 2007

BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL. **Resolução 510/2016**. Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde, 2016.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de Projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. 14ª ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2003.

GASTAUD, Carla Rodrigues. **De correspondências e correspondentes**: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña. **Revista Paradigma** (Edición Cuadragésimo Aniversario: 1980-2020), Vol. XLI, jun. de 2020, p. 57-79.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.